



REBENA
Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem

ISSN 2764-1368

Volume 15, 2026, p. 4 - 20

<https://rebena.emnuvens.com.br/revista/index>

Oliver, carne e percepção: uma fenomenologia da educação especial¹

Oliver, flesh and perception: a phenomenology of special education

Herberth Gomes Ferreira² Hiran Pinel³

Submetido: 17/01/2025 Aprovado: 16/03/2026 Publicação: 30/03/2026

RESUMO

Este artigo científico propõe apresentar uma análise fenomenológica da Educação Especial, focada na experiência de um estudante com uma doença degenerativa grave. Para essa empreitada, utiliza-se o pensamento de Maurice Merleau-Ponty como campo teórico e metodológico, a fim de transitar na percepção de um corpo vivido, em seu mundo próprio, em uma perspectiva da ontologia da carne, a fim de compreender as vivências subjetivas do sujeito-aluno. Através de relatos de um jovem chamado Oliver Queen, o texto explora como ele ressignifica a vida e a morte por meio de metáforas entre heróis e vilões. A pesquisa destaca o Atendimento Pedagógico Domiciliar – APD como um espaço de escuta sensível, onde a comunicação transcende para outras formas de escuta sensível. Conclui-se que a educação deve acolher a singularidade corporal do sujeito-aluno, reconhecendo esse corpo como uma presença ativa que gera sentido e conhecimento, mesmo diante da inevitável finitude.

Palavras-chave: Oliver Queen; Corpo; Fenomenologia da Percepção; Educação Especial.

ABSTRACT

This scientific article proposes to present a phenomenological analysis of Special Education, focusing on the experience of a student with a severe degenerative disease. For this purpose, the thought of Maurice Merleau-Ponty is used as a theoretical and methodological framework, in order to explore the perception of a lived body, within its own world, from the perspective of the ontology of the flesh, aiming to understand the subjective experiences of the student-subject. Through reports of a young man named Oliver Queen, the text explores how he re-signifies life and death through metaphors involving heroes and villains. The research highlights Home-Based Pedagogical Assistance (HPA) as a space of sensitive listening, where communication transcends into other forms of understanding and care. It is concluded that education must embrace the bodily singularity of the student-subject, recognizing this body as an active presence that generates meaning and knowledge, even in the face of inevitable finitude.

Keywords: Oliver Queen; Body; Phenomenology of Perception; Special Education.

¹ Este artigo faz parte da pesquisa de pós-doutorado em Educação realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFES, sob a supervisão do professor titular Hiran Pinel – PPGE/UFES.

² Pós-doutorando em Educação pelo PPGE/UFES. herberthgf@yahoo.com.br

³ Professor doutor, titular. CE/PPGE/UFES. hirapinel@gmail.com

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo descrever o que é o como é a morte a partir de relatos de experiência do jovem Oliver⁴, em seu processo de escolarização domiciliar, na sua vivência encarnada de mundo, na relação professor-aluno, trazendo, assim pretendemos, uma compreensão da carne sob uma perspectiva fenomenológica como algo que possa contribuir para a Educação Especial, mais especificamente para o campo do Atendimento Pedagógico Domiciliar – APD.

Nessa linha, a abordagem fenomenológica aqui apresentada irá (na tentativa) descrever relatos de uma experiência corporal, subjetiva e vivencial acerca do que é e o como é (Hiran, 2022)⁵ a morte. Chamamos aqui de colaborador da pesquisa o sujeito-aluno que se dispôs a falar de si tendo a morte como iminente participante da vida. Esse sujeito-aluno colaborador é estudante do Ensino Médio em uma escola pública. Contudo, pelas suas condições que o impedem de ir à escola, recebe o Atendimento Pedagógico Domiciliar, com uma rotina semanal de aulas dentro de um componente curricular adaptado.

Nosso colaborador possui uma doença degenerativa muscular grave, que pelas condições severas da doença o coloca numa expectativa de vida reduzida. Embora, ainda assim, não o impeça de lutar pela vida; não o impeça de sonhar sonhos possíveis enquanto há o viver. Em seu mundo próprio, mais destacadamente em sua casa, ele recebe o Atendimento Pedagógico Domiciliar⁶, com oferta de um currículo adaptado para o Ensino Médio. Com um computador e com a ajuda de familiares e cuidadoras (que permanecem com ele o dia todo) é possível realizar uma interação compreensiva. Por meio de gestos dos olhos ou mesmo escrevendo em um notebook adaptado, surgem palavras objetivas e diretas no qual nosso colaborador emite o que se pretende expressar. É por meio desse interagir genuíno que se deu os relatos de experiência. Esses relatos estão melhor expostos logo abaixo, neste artigo.

Nesse caminho, este artigo propõe-se a colocar a fenomenologia como um horizonte em aberto, no plural, ainda que esse seja um campo em discussão. Isso porque ela mesma (a fenomenologia) foi tomando “rumos diferentes”, ou mesmo porque “*Diç-se que existem tantas fenomenologias quantos fenômeno logo*” (Perius, 2018, p. 123). Por isso, veremos algumas semelhanças, mas também perspectivas diferentes no trato com o modo de fazer da fenomenologia como método. Por exemplo, em Merleau-Ponty (como em *Fenomenologia da Percepção* de 1945 e *O Visível e o Invisível* de 1964)

⁴ Por questões da ética, este é um nome fictício escolhido pelo próprio colaborador da pesquisa.

⁵ Essa é para nós uma chave da pesquisa, daquilo que se busca. Termo esse conduzido e fomentado pelo professor Hiran Pinel em nossas produções e pesquisas.

⁶ Sabemos que há outras terminologias para um tipo de atendimento escolar que se dá na residência do aluno. A Lei Federal nº 13.716, de 24 de setembro de 2018, por exemplo, que altera a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/1996, nomeia esse tipo de atendimento como Atendimento em Regime Domiciliar. Autores como Ganen e Silva (2019), utilizam a terminologia Atendimento Pedagógico Domiciliar em suas pesquisas. Utilizaremos essa última terminologia, tendo em vista que é a usualmente utilizada em nosso grupo de pesquisas Grufei.

sua filosofia se afasta de uma essência cartesiana. Em sua fase inicial (como em *Fenomenologia da Percepção*), a "essência" poderia ser compreendida como as estruturas da percepção encarnada. Na sua fase posterior (como em *O Visível e o Invisível*), ele propõe uma ontologia da "carne" ("chair") – um tecido comum e primordial entre sujeito e mundo – onde a essência é o entrelaçamento e a reversibilidade inerentes ao próprio ser. Essa "carne" é a "essência" que *já se encontra* na existência, não como algo separado dela, mas como sua própria textura ontológica.

Vale destacar que o pensador francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) representa uma das vozes de destaque na filosofia contemporânea, sobretudo no campo da fenomenologia e da ontologia do corpo encarnado no mundo. Seu pensamento emerge de um diálogo crítico com Edmund Husserl, conhecido como o pai da fenomenologia, e Martin Heidegger, ex-discípulo de Husserl que, assim como Merleau-Ponty, trilhou por uma fenomenologia própria.

Em *Fenomenologia da Percepção* (publicada em 1945), sua obra mais conhecida, Merleau-Ponty propõe uma superação dos dualismos modernos a partir da primazia do corpo vivido. Em seus escritos posteriores, especialmente em *O Visível e o Invisível* (escrita entre 1959-1961 e publicada postumamente), nota-se uma "viragem" filosófica: o foco passa da análise descritiva da percepção para uma ontologia do sensível, marcada pelas categorias de carne, de entrelaçamento e de reversibilidade.

Essa mudança também traz uma nova maneira de compreender a finitude e a morte, ainda que de forma indireta. Sendo, então, a carne/corpo o corpo/carne como centro da via perceptiva do sujeito em seu mundo próprio. De toda forma, cabe destacar que há no horizonte do sujeito-aluno⁷, em nossa pesquisa como colaborador, uma abertura e fazimento.

Dessa forma, veremos que a abordagem de Merleau-Ponty convida para pensar uma “pedagogia para uma sensível e encarnada”, que reconhece o corpo vivido como o eixo primordial da experiência e da construção de sentido. No contexto da educação especial, onde os sujeitos frequentemente manifestam formas expressivas e cognitivas que divergem dos padrões normatizados, essa filosofia é particularmente valiosa. Ela propõe uma "escuta do sensível", uma atenção cuidadosa aos gestos, às presenças silenciosas e aos modos singulares de estar no mundo do aluno.

Nesse caminho dessa escuta do sensível viver, buscamos, compreender o que é e o como é a morte a partir dos relatos de experiência desse sujeito-aluno, na vivência mesma da relação desse corpo encarnado na escolarização e na relação professor-aluno; respeitando, nesse processo vivencial, sua corporeidade que traz traços da organicidade, seus modos de expressão. Nesse contexto e percepção como ser próprio, de sua experiência encarnada no mundo.

⁷ Compreendemos aqui em nosso texto que o colaborador da pesquisa de estágio pós-doutoral, normalmente nomeado como sujeito da pesquisa, é antes sujeito para depois estar na condição de aluno (que é provisório). Por isso mesmo o nomeamos aqui de sujeito-aluno.

Pode-se considerar certa complexidade nessa relação sujeito-mundo. E é mesmo complexo, pois o corpo com uma clínica do orgânico e físico mostra-nos o quanto não podemos nos controlar, pois ele se mostra com suas dificuldades e ou possibilidades, mas, dentro dessa perspectiva, um olhar sensível acurado dos pesquisadores fenomenológicos, pode perspectivar uma ação cuidadosa de sentido em (des)velar possíveis significados da experiência vivida, que ainda assim não se pretende sólida, definitiva, negando assim uma verdade estabelecida pela ideologia dominante – dentre outras. Trata-se aqui-agora de uma verdade, aquela percebida pelos pesquisadores (nós) que o leitor, inclusive, poderá validar ou não.

Assim, entendemos que pensar a educação sob o "signo da carne" implica assumir que o conhecimento, o afeto e a comunicação são atravessados por uma ontologia compartilhada, onde "cada corpo é um lugar de sentido e de mundo". Enxergamos esse processo como essencial no Atendimento Pedagógico Domiciliar – APD, pois permite acolher a singularidade da experiência encarnada do sujeito-aluno, suas formas expressivas e comunicativas que, muitas vezes, transcendem os modelos padronizados, e seu modo particular de lidar com a finitude do existir no mundo.

Por ora, iremos, num primeiro momento, falar da abordagem metodológica utilizada, descrevendo os modos próprio de fazer pesquisa sob uma perspectiva da fenomenologia de Merleau-Ponty. Em seguida, destacaremos os relatos de experiência do nosso colaborador, bem como a nossa própria compreensão fenomenológica desses relatos.

2. Da fenomenologia da percepção à ontologia da carne como continuum metodológico

Na fase inicial de seu pensamento, Merleau-Ponty propõe uma fenomenologia centrada na corporeidade como condição ontológica da percepção. Em *Fenomenologia da Percepção*, o corpo próprio não é mero objeto biológico, mesmo em um quadro clínico tão grave, ou até por isso, mas um corpo vivido, um sujeito encarnado que estrutura a experiência no mundo. A percepção, nesse contexto, é originária: ela não é reflexo de um sujeito mental nem mero registro de estímulos objetivos, mas constitui a relação primordial com o mundo. É por meio do corpo que o sujeito se orienta, age e compreende.

Contudo, a partir do final da década de 1950, Merleau-Ponty começa a reformular radicalmente seus pressupostos. Em seus últimos textos, ele desloca o foco da consciência perceptiva para uma ontologia do sensível, onde o ser é concebido como "carne" (*chair*) – um tecido comum entre o sujeito e o mundo. Essa carne não é substância material, mas um elemento originário que estrutura todas as formas de experiência. Nesse contexto, surge a noção fundamental de reversibilidade:

um esquema ontológico em que o tocar e o ser tocado, o ver e o ser visto, não estão separados, mas são aspectos de um mesmo campo de sentido.

A imagem paradigmática da reversibilidade é a das mãos: uma mão toca a outra, podendo ser simultaneamente agente e paciente. Essa experiência revela que o corpo não é um mero objeto entre outros, mas um centro sensível, capaz de ser afetado e de afetar, constituído por esse jogo recíproco. O mundo visível também se estrutura nessa reversibilidade: nós somos parte do mundo que vemos, assim como somos vistos por ele. Tal estrutura não é apenas fenomenológica, mas ontológica: o ser é tecido por esse entrelaçamento, por essa co-pertinência do sujeito e do mundo.

Para compreender essa viragem filosófica, consideramos apresentar uma tabela comparativa entre duas fases do pensamento de Merleau-Ponty, no qual se destaca não um rompimento, mas um certo *continuum* em seu pensamento filosófico e metodológico.

Aspectos	Fenomenologia da Percepção (1945)	O Visível e o Invisível (1959–1961)
Enfoque filosófico	Fenomenologia da experiência encarnada	Ontologia da carne e do entrelaçamento
Ponto de partida	Corpo vivido como sujeito da percepção	Ser como carne do mundo, entrelaçado no sensível
Concepção de sujeito	Sujeito encarnado, centrado na experiência fenomenológica	Sujeito descentralizado, parte de um campo sensível e reversível
Dualismos (mente/corpo, sujeito/objeto)	Tentativa de superar os dualismos através da unidade da experiência corporal	Superação mais radical: o dualismo é desfeito na origem, na indistinção
Método filosófico	Descrição fenomenológica	Esboço de uma ontologia originária (ontologia do sensível)
Função da percepção	Principal via de acesso ao mundo	Um modo do visível entrelaçado ao invisível

Categoria central	Corpo vivido (<i>corps propre</i>)	Carne (<i>chair</i>) como elemento do ser
Tempo e espaço	Temporalidade encarnada, ligada à percepção	Tempo e espaço como dobras do ser, dimensões da carne
O invisível	Menos tematizado, aparece como ausência na percepção	Conceito central: o invisível como fundo do visível, como latência do ser
Intercorporeidade	A relação com o outro se dá pela empatia perceptiva	O outro é parte do mesmo tecido ontológico — carne comum
Questão da morte	Apenas sugerida como limite da percepção	Implícita como ruptura do entrelaçamento e da reversibilidade

A partir dessa abordagem acima⁸, temos agora melhor noção do conceito de reversibilidade e suas implicações importantes para a compreensão da morte a partir de Merleau-Ponty. Para ele, a morte não é tematizada de forma direta ou como uma busca ontológica, como em Martin Heidegger⁹, mas aparece como horizonte negativo da experiência sensível. Isso significa que a morte é o ponto em que cessa a reversibilidade, onde o corpo deixa de afetar e ser afetado, onde o entrelaçamento com o mundo é suspenso. Dessa forma, Merleau-Ponty entende a morte como desfazimento da carne, interrupção do circuito sensível que constitui a existência no mundo.

Consideramos que essa perspectiva filosófica, centrada no corpo vivido, na sensibilidade e no entrelaçamento ontológico, pode trazer contribuições importantes para a educação, particularmente para a educação especial. Nesse campo, onde muitas vezes os sujeitos têm formas expressivas e cognitivas diversas das normatizadas, a filosofia de Merleau-Ponty convida a uma escuta do

⁸ O quadro acima foi esteticamente composto por sistemas online, tendo como parâmetro nosso próprio texto original sobre o tema, e assim fomos nós que dirigimos o conteúdo e estética do que se chamou de certa viragem filosófica acerca da percepção de Merleau-Ponty.

⁹ Mais destacadamente em sua obra mais conhecida *Ser e Tempo* (1927).

sensível, uma pedagogia atenta aos gestos, às presenças silenciosas, aos modos singulares de estar no mundo.

Pensar a educação sob o signo da carne é assumir que o conhecimento, o afeto e a comunicação são atravessados por uma ontologia compartilhada, onde cada corpo é um lugar de sentido e de mundo. Veremos um pouco mais dessa proposta fenomenológica e científica de Merleau-Ponty, pensando em uma fundamentação metodológica que transita da sua perspectiva da Fenomenologia da Percepção (1945) para o *Vivível e Invisível* (1959-1961), como um tipo de viragem perspectiva, ainda assim, para nós, mantendo o corpo como sensível contato com o mundo vivencial. Um corpo perceptível que permite o sentir, o compreender e a formação do conhecimento.

3. Fundamentação metodológica: entre o visível e o invisível da experiência encarnada

Já foi salientado que a metodologia adotada nesta pesquisa encontra amparo teórico na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, particularmente nas obras *Fenomenologia da Percepção* (1945) e *O Visível e o Invisível* (1959–1961). A articulação entre essas duas fases do pensamento do autor permite constituir uma abordagem densa e sensível à experiência vivida dos sujeitos da educação especial, respeitando tanto a dimensão perceptiva e expressiva do corpo vivido, quanto a profundidade ontológica do sensível e do indizível, como foi possível visualizar no quadro acima.

Dessa forma, em *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty afirma que o corpo é o “meio geral da nossa compreensão do mundo”. É pelo corpo vivido que o sujeito se insere na existência, percebendo, agindo e significando. O corpo é, assim, condição de possibilidade de toda experiência. A escuta fenomenológica parte dessa encarnação do sujeito no mundo, e busca descrever o aparecer das coisas tal como são vividas na imanência da experiência, sem recorrer a explicações causais ou abstrações teóricas.

Em *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty aprofunda esse caminho, formulando uma ontologia da carne em que o sujeito e o mundo são compreendidos como dois feixes do mesmo tecido sensível, implicados numa estrutura de reversibilidade. A realidade não se dá apenas naquilo que vemos ou dizemos, mas também naquilo que escapa ao olhar, ao gesto, à fala — o invisível. Assim, a escuta fenomenológica se estende ao não-dito, ao latente, ao expressivo não verbal, às manifestações que não se encerram em enunciados objetivos. Desenvolvemos no quadro abaixo um breve comparativo do trânsito e foco ontológico entre essas duas obras em Merleau-Ponty, no qual destacamos que, apesar desse “viragem”, o pensador mantém e preserva sua perspectiva central: o corpo/carne como agente perceptível e geradora de percepção.

Aspecto	"Fenomenologia da Percepção" (1945)	"O Visível e o Invisível" (1964)
Foco Ontológico	Primado da Percepção: Descrição da experiência do corpo-sujeito (o <i>ego</i> encarnado) na relação sujeito-objeto.	Primado da Ontologia: Investigação da estrutura do Ser (o <i>Ser Selvagem</i>) através do conceito de Carne.
Conceito Chave	Corpo-Próprio (<i>Le Corps Propre</i>), Intencionalidade Operante, Ambiguidade.	Carne (<i>La Chair</i>), Reversibilidade (<i>Réversibilité</i>), Quisma (<i>Chiasme</i>).
Natureza da Filosofia	Filosofia como Reflexão sobre o Irrefletido e o pré-objetivo.	Filosofia como Interrogação Indireta ou "Logos Selvagem" que se articula no Silêncio e no Ser.

Na prática de pesquisa fenomenológica, o pesquisar implica uma abordagem metodológica que valorize o gesto, o silêncio, a hesitação, o olhar, o ritmo, e outros modos de expressar que não dependem exclusivamente da linguagem formal. No campo da educação especial, essa perspectiva é particularmente valiosa, pois permite acolher formas de experiência e de comunicação que transcendem os modelos cognitivos e linguísticos padronizados.

Dessa forma, durante a entrevista com o colaborador (sujeito-aluno), buscou-se estar sensivelmente atento, no descrever merleau-pontyano, ao tom de voz, expressões faciais, gestos, pausas e outros elementos do sensível, como ensina Merleau-Ponty (1999) – repetindo, há o orgânico e há nossa percepção sensível do invisível. Assim, a escuta fenomenológica não se limita ao conteúdo dito, mas à forma como ele aparece, emerge, hesita ou se oculta. Cada resposta não é apenas uma informação, mas uma manifestação do mundo vivido pelo sujeito, em seu próprio modo de ser em seu mundo próprio junto aos outros.

Descrevemos, assim, na sequência desse artigo, os relatos de experiência desse sujeito-aluno, que se colocou como sujeito colaborador da nossa pesquisa pós-doutoral, tendo em vista seu modo próprio de evidenciar seus significados que partem de seu mundo vivencial. Cabe aqui destacar que nosso colaborador se nomeou como Oliver Queen: o Arqueiro Verde. Um personagem fictício, inspirado em uma revista em quadrinhos da franquia Arrowverse – CW, apresentado pela primeira vez em uma série televisiva chamada Arrow.

4. A coleta dos dados: a busca pelo fenômeno – o que é a morte sob a perspectiva existencial?

Dados para análise compreensiva de Oliver Queen, o Arqueiro Verde

O colaborador desta pesquisa pós-doc se nomeia Oliver¹⁰. Ele tem 18 anos, morador da cidade de Vila Velha, no Estado do Espírito Santo. Oliver enfrenta uma doença degenerativa grave

¹⁰ Por questões da ética da pesquisa, o nome do colaborador foi substituído. Oliver foi um nome fictício indicado pelo próprio colaborador da pesquisa.

que afeta seus músculos, impedindo-o de falar vocalmente. Durante as aulas, ele permanece deitado em uma cama do tipo hospitalar, com o rosto posicionado de lado, permanecendo assim por todo o tempo, tendo em vista que ele não consegue movimentar a cabeça. Ao mesmo tempo, um aparelho respirador fica ligado para auxiliá-lo, tendo em vista que a doença afetou também os músculos que auxiliam na respiração.

Dessa forma, sua comunicação se deu por meio de gestos codificados¹¹ e pela escrita em um notebook, utilizando um aparelho adaptado. Essa condição física é, por si só, um ponto de partida crucial para a compreensão fenomenológica, que se volta para o corpo vivido (*corps propre*) como a condição ontológica da percepção e o meio geral da nossa compreensão do mundo.

Durante a escuta fenomenológica, na nossa vivência com o método inspirada em Merleau-Ponty, buscamos valorizar tudo o que era possível descrever como algo que quisesse ser dito: o gesto – ainda que haja o orgânico determinando, o silêncio – ainda que haja problemas (no caso a impossibilidade) de oralização; a hesitação, o olhar, o ritmo do corpo e de ser no mundo. Tudo o que pode servir como elementos que revelassem os contornos que dão significado ao vivido do sujeito, ao seu vivido sentido (afeto), conhecido (cognição) e expressado (corpo) do ser-no-mundo; ainda que uma doença possa carregar o processo de exclusão de um mundo lá fora, ou afetar a subjetividade desse sujeito em sua condição genuína de ser. (Qian Y et al., 2015).

Cabe lembrar que a metodologia desta pesquisa se ancorou na articulação das duas fases do pensamento de Merleau-Ponty – desde a Fenomenologia da Percepção (1945), que descreve a dimensão perceptiva e expressiva do corpo vivido, até O Visível e o Invisível (1959–1961), que aprofunda na ontologia da carne e do entrelaçamento; ainda que tenhamos introduzido aqui outros olhares de um fazer metodológico como sobreposição fenomenológica.

Nesse caminho, a "fala" de Oliver, ainda que em "breves palavras" e com os desafios de sua condição, é compreendida como uma manifestação singular de sua existência encarnada, revelando "os limites e as possibilidades de seu 'corpo próprio' em sua relação primordial com o mundo".

Ele diz que está escrevendo um livro no qual o personagem principal é o James (treinado pelo Arqueiro Verde) e um personagem (do bem) chamado Vecna (personagem do mal).

A seguir, apresentamos os relatos de Oliver com a perspectiva fenomenológica de inspiração merleau-pontyana. Cabe salientar que realizamos algumas questões provocadoras e estimulantes ao sujeito-aluno durante as abordagens (coleta de dados), da nossa pesquisa de estágio pós-

¹¹ Oliver emite alguns ruídos pela pulsão do ar jogado no nariz. Assim, alguns sons saem pelo ar que saem no nariz, dando entender, após um tempo de convívio com o colaborador, se algo lhe agrada ou não, se quer dizer sim ou não etc. Contudo, nada mais que isso. Mas não foram gestos físicos involuntários, que as que ocorrem em outras doenças que afeta a musculatura. Durante a coleta dos dados da pesquisa (seus relatos de experiência), a comunicação se deu basicamente por meio da interação via notebook adaptado; no qual ele pode escrever seus relatos.

doutoral, a fim de guiar fenomenologicamente seus relatos e percepções¹² do nosso colaborador. Veremos um breve relato, mas para nossa perspectiva da fenomenologia são dados significativos; tendo em vista ainda a condição genuína do nosso colaborador, os limites de sua forma de dizer algo que para ele pudesse ser significativo.

5. Relatos acerca da questão da morte na perspectiva de Oliver Queen

1 - Como você gostaria de ser chamado nesta pesquisa?

Colaborador: Oliver Queen, do Arqueiro Verde. Personagem do bem, um super-herói da DC Comics.

2 - Qual sua religião, caso tenha uma?

Colaborador: Não sigo bem uma religião. Fui criado em uma família espírita, mas me considero espiritualista ou agnóstico.

3 - Como é a morte para você?

Colaborador: Como disse acima, eu fui criado na religião espírita e eu acredito bem nesse conceito de morte que essa religião também acredita, que é da possibilidade de um tipo de vida após a morte. Bem, então penso que a morte é só parte da vida mesmo; talvez exista um tipo de nada, mas talvez uma outra forma de vida quando tudo termina aqui.

4 – Como você nomearia a morte; ou que personagem ela seria?

Colaborador: A morte seria o Vecna, um mostro da série Stranger Things.

5 – Como contrapartida, o que seria a vida?

Colaborador: A vida é um local de aprendizagens.

6 – Como nomearia a vida?

Colaborador: A vida seria o personagem James. James é o personagem do meu livro. Ele é do bem e é treinado pelo Arqueiro Verde.

7 – Por que escolheu o nome Oliver, do Arqueiro Verde?

Colaborador: Porque ele foi o primeiro super-herói que virei fã. Por isso ele é também um personagem do livro que estou escrevendo.

8 – O que você espera para o futuro?

Colaborador: Gosto de programação e pretendo estudar e trabalhar nessa área. Quem sabe um dia a ciência, unida em diferentes ciências como a programação, possa desenvolver uma forma da gente se comunicar de forma mais fácil.

¹² Entendemos a fala aqui como a possibilidade encontrada para realizar uma comunicação com o colaborador da pesquisa.

6. A nossa percepção fenomenológica acerca dos relatos

O colaborador Oliver diz pouco para um pesquisador que busca compreender “o que é e o como é”. Todavia, em pesquisa fenomenológica, esse aparentemente pouco pode ser uma via que leva a questões singulares e fundamentais para o que se busca. Como sinaliza Moreira (2004), não se busca necessariamente uma essência, mas os contornos que dão significado ao vivido do sujeito. E esse vivido pode ser, também, dito em breves palavras.

Há nesse percurso do pesquisar outras situações. O colaborador da pesquisa, devido a sua doença, que o impede de falar vocalmente, por vezes se cansa de escrever e a troca de mensagens se torna mais prolongada. Cada escuta teve que ser ouvida e compreendida no seu tempo.

Faremos aqui, uma espécie de “nossa compreensão fenomenológica” (Ferreira, 2023)¹³ para que cada fala, ainda que poucas, escritas por meio de trocas de mensagens pelo aplicativo WhatsApp¹⁴, pudessem ser analisadas como dados singulares e significativos para compreender o que é e o como é para esse sujeito-aluno. Sujeito, esse, que a cada dia enfrenta a morte, não como algo que vem, mas como a finitude de um ser no mundo da vida (*Lebenswelt*).

Também aqui não como na perspectiva do filósofo sul-coreano ByungChul Han, que critica a sociedade contemporânea que constituiu uma vida identitária que foge da finitude. Mas na perspectiva de uma vida que se manifesta a todo momento com sua vontade de “aprendizado”.

Tomaremos, então, cada parte que para nós surge como fenômeno; como que ir ao encontro como aproximação (Heidegger, 1927/1998), para buscar essa essência que já se encontra na existência (Merleau-Ponty, 1999).

6.1. A autoidentificação de Oliver: O corpo vivido como projeto no mundo

Quando questionado sobre como gostaria de ser chamado, Oliver responde: "*Oliver Green, do Arqueiro Verde. Personagem do bem, um super-herói da DC Comics*".

Essa escolha parece ir além de uma mera preferência; ela se mostra como uma projeção existencial do "corpo vivido" no mundo. Ao se identificar com um "personagem do bem" e um "super-herói", Oliver manifesta sua maneira de estruturar a experiência e de afirmar seu ser encarnado no mundo. Sua autoidentificação com um herói é uma expressão direta de seu "ser no mundo" como resistência e "vontade de vida" diante de uma doença degenerativa. O "corpo próprio" de Oliver, mesmo limitado, é um sujeito encarnado que, por meio dessa identificação, age e

¹³ Em nossa tese de doutorado em educação buscamos explicar esse termo que para nós foi fundamental para as análises dos relatos dos sujeitos.

¹⁴ O colaborador Oliver usa o WhatsApp Web em seu computador pessoal (notebook).

compreende, reconfigurando seu lugar no mundo e projetando possibilidades e diferentes modos de ser no mundo como resistência.

6.2. A compreensão da morte: A ruptura da carne e da reversibilidade

Oliver descreve a morte da seguinte forma: *"Como disse acima, eu fui criado na religião espírita e eu acredito bem nesse conceito de morte que essa religião também acredita, que é da possibilidade de um tipo de vida após a morte. Bem, então penso que a morte é só parte da vida mesmo; talvez exista um tipo de nada, mas talvez uma outra forma de vida quando tudo termina aqui"*. Quando solicitado a nomear a morte, ele afirma: *"A morte seria o Vecna, um mostro da série Stranger Things"*.

A descrição de Oliver, que concebe a morte como *"Vecna,"* um *"mostro da série Stranger Things,"* sugere a morte como um algo-outro; um ser de fora da vida que vem findar a existência da carne no mundo. Esta compreensão ressoa diretamente com a ontologia da carne (*chair*) de Merleau-Ponty em sua fase posterior. Para o filósofo, a morte, embora tematizada de forma indireta, emerge como a ruptura do entrelaçamento e da reversibilidade. É o momento em que o corpo deixa de afetar e ser afetado, onde o entrelaçamento com o mundo é suspenso.

A doença degenerativa de Oliver, que progressivamente ataca seus músculos, é a experiência concreta que manifesta essa gradual interrupção do circuito sensível, onde a capacidade de tocar e ser tocado, ver e ser visto é ameaçada e gradualmente desfeita. A essência da morte, vista por Oliver como Vecna, é interpretada fenomenologicamente como o desfazimento da carne, a morte como vilã, no processo de rompimento da própria textura ontológica que constitui a carne no mundo. Sua ambivalência quanto ao *"nada"* ou a *"outra forma de vida"* reflete a profunda indagação existencial diante da cessação da sua *"carne-presença"* no mundo.

6.3. A afirmação da vida: o entrelaçamento contínuo em face da finitude

Em contraste com a morte, Oliver conceitua a vida como: *"A vida é um local de aprendizagens"*. Ele nomeia a vida como: *"A vida seria o personagem James. James é o personagem do meu livro. Ele é do bem e é treinado pelo Arqueiro Verde"*.

A afirmação de Oliver de que a vida é um local de aprendizagens e sua nomeação da vida como *"James,"* um *"personagem do bem"* treinado pelo Arqueiro Verde, revelam uma profunda *"vontade de 'aprendizado'"* e resistência. Merleau-Ponty postula que o corpo vivido é o que estrutura a experiência no mundo e a percepção constitui a relação primordial com o mundo. A criação de James, o herói, parece simbolizar o ser no mundo de Oliver como uma constante projeção de possibilidades

e a persistência do aprendizado, apesar do horizonte da morte, que um dia acontece, como um evento (*Ereignis*), para todos.

Essa perspectiva, onde a vida é um herói ativo que enfrenta a morte-vilã, pode ser compreendida como a manifestação do entrelaçamento e da reversibilidade da carne em sua dimensão de persistência. Merleau-Ponty sugere que educar é tocar e ser tocado, ver e ser visto, formar e ser formado num campo comum de sentido. A vida como James, o herói que aprende e resiste, representa a continuidade dessa capacidade de afetar e ser afetado, mesmo que através de um mundo simbólico e ficcional criado por Oliver, onde seu "*corpo próprio*" continua a ser o centro sensível que dá sentido à sua existência.

Não à toa, talvez por isso, ele afirma acreditar em um futuro no qual a ciência (com sua ajuda, quem sabe) poderá contribuir para que pessoas como ele, por não poder falar, possam em algum dia falar, seja através de novos recursos tecnológicos, para uma educação e comunidade mais inclusiva.

6.4. A totalidade da compreensão fenomenológica

Na busca pela compreensão fenomenológica, as escolhas e expressões singulares de Oliver (os "contornos" de seu vivido) são cuidadosamente descritas, na tentativa de desvelar as estruturas existenciais e ontológicas que os fundamentam (a "essência que já se encontra na existência"). Essa abordagem se alinha com a trajetória metodológica de Merleau-Ponty (1946), que transita da descrição da percepção para uma ontologia da carne, buscando uma "essência existencial e ontológica, intrínseca à existência", e não uma essência universal e abstrata. As "*poucas palavras*" de Oliver, e a forma como seu corpo doente se expressa, são um convite a uma escuta do sensível, transformando sua condição em uma "carne-presença no mundo" que resiste e significa.

Essas escolhas (nomes e personagens) são expressões diretas e singulares de como Oliver estrutura seu mundo de sentido. A identificação com heróis e a nomeação de vilões para vida e morte são manifestações possíveis de sua vivência e de sua forma de atribuir significado ao seu existir e ao seu enfrentamento da doença, ainda que em um mundo próprio de possibilidades.

Nesse caminho, Oliver descreve a morte como "*só parte da vida mesmo; talvez exista um tipo de nada, mas talvez uma outra forma de vida quando tudo termina aqui*", e a vida como "*um local de aprendizagens*". Talvez por isso ele se considera um "*espiritualista*" ao mesmo tempo um "*agnóstico*". Essas são as palavras de Oliver, as poucas palavras, mas significativos ditos em breves palavras que constituem o mapa inicial ou seu próprio horizonte de sua experiência da finitude.

Nesse caminho existencial, a condição de Oliver (doença degenerativa, comunicação via gestos e notebook) e o cansaço para escrever são contornos de sua corporeidade vivida, um corpo que lida com o possível de ser. A metodologia adotada possibilita estar atento ao gesto, o silêncio, a hesitação, o olhar, o ritmo que reflete a abordagem da fase inicial de Merleau-Ponty (1999) sobre o corpo vivido como sujeito da percepção.

Assim, a forma *como* Oliver se comunica (com dificuldade, pausas, esforço) não é um mero detalhe técnico, mas uma expressão fundamental de sua existência encarnada, revelando os limites e as possibilidades de seu "corpo próprio" em sua relação primordial com o mundo.

Após descrever os contornos, a análise se aprofundaria para interpretar esses dados singulares, buscando as estruturas existenciais e ontológicas que os fundamentam. Esta etapa se alinha com a proposta de "buscar essa essência que já se encontra na existência", invocando a fase posterior de Merleau-Ponty (1964), que se move para uma ontologia da carne e do entrelaçamento no mundo.

Os contornos existenciais de Oliver como Oliver Guen, "*personagem do bem*," e James como a resistência contra "*Vecna*" (a morte) podem ser interpretados compreensivamente como a manifestação de seu ser no mundo que, diante da finitude que se impõe pela doença grave, se constitui fundamentalmente como resistência e vontade de vida.

Assim, a frase "cada dia de vida é um dia que não se morre" e "uma vida que se manifesta a todo momento com sua vontade de 'aprendizado'" são exemplos de como se pode interpretar a existência de Oliver como uma presença "*Dasein*" que se projeta em meio à sua finitude. A essência do seu existir, aqui, é a constante projeção de possibilidades e a persistência do aprendizado, apesar do horizonte da morte.

A descrição de Oliver da morte como "*Vecna*," um ser de fora da vida, é fenomenologicamente interpretada no texto como "esse algo que vem findar a existência da carne no mundo; a carne deixa seu processo de reversibilidade, deixa de tocar e ser tocada no mundo".

Essa interpretação aplica diretamente a ontologia da carne de Merleau-Ponty. A essência da morte, vista por Oliver, é o *rompimento do entrelaçamento* (chiasme) e da reversibilidade que constitui a existência sensível. Talvez esteja aqui o ponto central da nossa busca. A doença degenerativa que ataca os músculos, a carne de Oliver, é a experiência concreta que manifesta essa gradual interrupção do circuito sensível, onde a capacidade de tocar e ser tocado, ver e ser visto é ameaçada. A morte não é algo abstrato, mas o desfazimento da própria "carne" que o constitui no mundo.

7. (In) Conclusões

Este trabalho buscou apresentar relatos de experiência de um jovem que se apresentou como Oliver Queen; destacando seu modo de ser no mundo tendo a morte como ponto de reflexão. Nessa proposta, destacou-se a trajetória filosófica de Merleau-Ponty que revelou a inquietude do pensar filosófico, como pensador que soube transitar da descrição fenomenológica da percepção à construção de uma ontologia originária centrada na carne e na reversibilidade. Esse percurso não apenas redefine o lugar do sujeito Oliver, seu corpo na experiência cotidiana, como também reformulou, de modo implícito, a compreensão da morte como ruptura do entrelaçamento sensível, como um tipo de ruptura da carne com o mundo. Ao trazer essas reflexões para o campo educacional, especialmente no âmbito da educação especial, a filosofia merleau-pontyana convida a uma prática pedagógica encarnada, sensível, aberta à diferença e à singularidade do outro, à vida inconclusa...enquanto há vida.

Mais do que uma teoria do conhecimento, Merleau-Ponty pode contribuir para pensar uma ontologia da existência compartilhada de um jovem que busca o viver em seu processo educacional, onde educar é tocar e ser tocado, ver e ser visto, formar e ser formado, num campo comum de sentido inter-relacional carne-mundo-carne. Nesse sentido, a proposta Merleau-pontyana pode contribuir para um olhar, especialmente, onde há corpos que desafiam a normatividade e exigem um outro modo de ser reconhecidos, compreendidos e acolhidos no mundo. É nessa proposta fenomenológica e metodológica que buscamos compreender esse sujeito-aluno, colaborador da nossa pesquisa de estágio pós-doutoral.

Nessa proposta, que é científica, a perspectiva fenomenológica buscou compreender as manifestações singulares (os contornos, sinais múltiplos do existir no mundo) para desvelar as estruturas mais profundas (a essência existencial/ontológica), aquilo que estrutura o sujeito no mundo, no seu mundo vivencial, que as tornam possíveis e inteligíveis pela via do fenômeno que se mostra nesse vivido do sujeito.

Dessa forma, a pesquisa primeiro acolheu e descreveu os contornos, traços do vivido cotidiano, da experiência de Oliver (suas narrativas, suas escolhas de nomes, seus modos de comunicação corpóreos) como as manifestações singulares de seu corpo vivido (Merleau-Ponty, *Fenomenologia da Percepção*). Em seguida, moveu-se para interpretar esses contornos, buscando as estruturas de sentido mais profundas (a "essência que já se encontra na existência") através da ontologia da carne proposta por Merleau-Ponty (o impacto da morte como desfazimento da reversibilidade da carne).

Cabe lembrar que a aparente contradição entre não buscar uma essência e, ao mesmo tempo, buscar essa essência é resolvida pela diferenciação dos sentidos de essência (de uma essência universal e abstrata para uma essência existencial e ontológica, intrínseca à existência) e pela articu-

lação da complementaridade entre a descrição fenomenológica dos fenômenos vividos e a interpretação ontológica de suas estruturas subjacentes. A própria evolução do pensamento de Merleau-Ponty se serve como um guia metodológico para essa transição, do perceptivo ao ontológico. De outra forma, entendemos que há diferentes perspectivas e modo de fazer fenomenologia, de uma forma complementar e não contraditória.

Retornando para as escolhas expressivas e singulares de Oliver Queen, elas indicam os modos como ele projeta sentido em sua vida e na finitude que o cerca. A sua possível autoidentificação com um super-herói e a atribuição de papéis de herói e vilão a conceitos tão fundamentais quanto vida e morte são manifestações concretas de como ele estrutura sua experiência no mundo.

Vimos, então, que a filosofia de Merleau-Ponty convida a uma escuta do sensível; uma pedagogia atenta aos gestos, às presenças silenciosas, aos modos singulares de estar no mundo. Para Oliver, que se comunica por gestos e um notebook, essa escuta que vai além da linguagem formal é crucial para compreender sua experiência.

Ao pensar a educação sob o signo da carne, assume-se que o conhecimento, o afeto e a comunicação são atravessados por uma ontologia compartilhada, onde cada corpo é um lugar de sentido e de mundo. Isso significa que a forma como Oliver vive e se expressa através de seu corpo doente não é um obstáculo, mas a própria via para acessar seu mundo vivido e sua compreensão da existência. Assim, nosso colaborador de faz carne-presença no mundo; no seu mundo junto aos seus; um corpo que resiste.

Referências

BARBARAS, R. *Le tournant de l'expérience: recherches sur la philosophie de Merleau-Ponty*. Paris: Vrin, 2001.

BRASIL. Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para assegurar atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. Brasília, DF: Presidência da República, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. DILLON, M. C. *Merleau-Ponty's ontology*. Evanston: Northwestern University Press, 1997.

FERREIRA, Herberth G. *Educação, morte e analítica existencial: relatos de experiências de professores nos atendimentos educacionais em ambientes hospitalares*. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

GANEM, Leila de Souza; SILVA, Carla Cilene Baptista da. Ações do atendimento pedagógico domiciliar: possibilidades e desafios. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 25, n. 4, p. 587-602, out./dez. 2019. HAN, Byung-Chul. *Morte e alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2020.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1986. (Publicado originalmente em 1927).

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1964.

MERLEAU-PONTY, M. Le philosophe et son ombre. In: _____. *Signes*. Paris: Gallimard, 1964.

MOREIRA, Virgínia. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 3, p. 447-456, 2004.

NANCY, J.-L. *Corpus*. Paris: Métailié, 2000.

QIAN, Y. et al. Understanding the experiences and needs of individuals with spinal muscular atrophy and their parents: a qualitative study. *BMC Neurology*, v. 15, n. 1, p. 217, 2015.

PERIUS, Cristiano. Três definições da fenomenologia. *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, v. 25, n. 47, maio/ago. 2018.

PINEL, Hiran. *O "que é?" e "como é?": duas questões fundamentais para uma pesquisa fenomenológico-existencial-hermenêutica*. Vitória: UFES/PPGE, 2022. Apostila de orientação acadêmica (mestrado, doutorado e pós-doutorado). Texto não publicado.